



Francisco Laranjo,
*o caminho
de dentro
como caminho
vital
da pintura*

António Quadros Ferreira

Portugal. Professor emérito da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Académico da ANBA, Academia Nacional de Belas Artes. Presidente da CAE de Belas Artes/ArtesVisuais da A3ES. Investigador do IdRA, *Institut de Recerca de l'Aigua* da Universitat de Barcelona, do i2ADS, *Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade* da Universidade do Porto, e do CIEBA, *Centro de Investigação em Belas Artes* da Universidade de Lisboa.

antonio.quadros.ferreira@gmail.com

Francisco Laranjo, o *caminho de dentro* como caminho vital da pintura

Resumo

Existe na obra de Francisco Laranjo um projecto de viagem (e) de mundo, *simultaneamente encontro e percurso* das memórias crepusculares, onde *o gesto diz o Douro e o Mundo*, e em que a pintura faz resgatar a dimensão humana, enquanto viagem de um lugar que *é simultaneamente encontro e percurso* das memórias crepusculares que transformam a emoção cósmica em estado de destino. Por isso, e em direcção a uma *gestualidade mínima*, a obra de Francisco Laranjo faz preservar as suas *origens durienses*, em movimento para uma *pintura de água como caminho de dentro*, uma *pintura uterina*, ou uma pintura em estado de *nascimento matricial*, onde o caminho solar se faz eco da luz em movimento que inscreve e que percorre os caminhos cósmicos de um pensamento congregador, de paz, e de convicção do *poder da arte*.

Palavras-chave

Pintura, Douro, Mundo, viagem, memória, gesto, encontro.

Resumen

Hay en la obra de Francisco Laranjo un proyecto de viaje por el mundo, a la vez de encuentro y viaje de recuerdos crepusculares, donde el gesto dice el Duero y el Mundo, y en el que el cuadro rescata la dimensión humana, como viaje de un lugar. que es a la vez un encuentro y un viaje de recuerdos crepusculares que transforman la emoción cósmica en un estado de destino. Por tanto, y hacia un gesto minimalista, la obra de Francisco Laranjo conserva sus orígenes del Duero, avanzando hacia una pintura del agua como camino interno, una pintura uterina, o una pintura en estado de nacimiento matricial, donde el camino solar hace eco de la luz en movimiento. que inscribe y recorre los caminos cósmicos de un pensamiento congregante, de paz y de convicción del poder del arte.

Palabras clave

Pintura, Duero, Mundo, Viaje, Memoria, Gesto, Encuentro

Abstract

There is in the work of Francisco Laranjo a project of world travel, simultaneously an encounter and a journey of twilight memories, where the gesture says the Douro and the World, and in which painting rescues the human dimension, as a journey of a place which is simultaneously an encounter and a journey of twilight memories that transform cosmic emotion into a state of destiny. Therefore, and towards a minimal gesture, Francisco Laranjo's work preserves its Douro origins, moving towards a painting of water as an internal path, a uterine painting, or a painting in a state of matrix birth, where the The solar path echoes the moving light that inscribes and travels the cosmic paths of a congregating thought, of peace, and of conviction of the power of art.

Keywords

Painting, Douro, World, Travel, Memory, Gesture, Encounter

Francisco Laranjo, o *caminho de dentro* como caminho vital da pintura

“O desenho é um princípio e um fim em si mesmo. Pressupõe um processo de envolvimento de todos os sentidos e de todas as capacidades de entendimento e intuição. De olhar, simultaneamente, para nós próprios e para todo o universo”.

Francisco Laranjo

preâmbulo

O meu Amigo e Colega Francisco Laranjo faleceu no dia 15 de Novembro de 2022. Soube da notícia no dia seguinte. E foi um choque de todo o tamanho – um choque de que ainda não me recompus por completo. Ainda tenho dificuldade, um ano depois, em acreditar da realidade do seu desaparecimento. As minhas palavras eram difíceis de as dizer, mas, mesmo assim, ainda são necessárias para que possa rasgar o (meu) silêncio perante a estupefação. Depois de um primeiro e muito emotivo texto meu – *Para o Francisco Laranjo, Uma Carta* – escrito em 17 de Novembro de 2022, e publicado na Revista *As Artes entre as Letras* no seu número de 30 de Novembro de 2022, surge agora, no âmbito desta homenagem colectiva promovida pelo Amigo comum Mauricius Farina, para a *Revista Visuais*, e pela passagem do primeiro aniversário do falecimento do Francisco, um novo texto meu. Ainda difícil do meu ponto de vista, tendo em conta o reduzido distanciamento no tempo. Mas, mesmo assim, este novo texto, com o título *Francisco Laranjo, o caminho de dentro como caminho vital da pintura*, pretende dar uma nova e renovada voz ao meu silêncio, isto é, pretendo dizer mais, na medida do possível, o que sempre soube, sei, e sinto, acerca do Amigo e Colega Francisco.

A última vez que estive pessoalmente com o Francisco foi no Verão de 2022, aquando do ICOCEP, *International Congress on Contemporary European Painting* – projecto, aliás, muito querido do Francisco. E, na sequência da sua muito recente aposentação (no mês anterior de Abril), senti nele uma profunda alegria por ser possível a sua dedicação a tempo inteiro à pintura, que sempre o preencheu, e que imaginava que viesse a preencher-lhe ainda mais. Mas o inesperado da doença e do falecimento fez desaparecer esse novo horizonte. Reitero que ainda não me sinto completamente refeito neste primeiro aniversário do seu falecimento. O pouco tempo decorrido ainda

não permitiu algum distanciamento necessário. Mas acho que devo falar do Francisco no que sei dele, e dizer o meu testemunho de partilha e de amizade. De um modo absolutamente livre e informal escreverei algumas palavras relativas às suas várias dimensões, as de pintor e de professor, mas não só. Acho que existe uma outra dimensão, a dimensão humana, que se sobrepõe às demais. Por isso, tentarei juntar numa só dimensão as várias dimensões do Francisco, necessariamente em breves notas. As dimensões de pintor e de professor fundem-se, aparentemente, mas a vida de artista e pintor, e de professor e pedagogo, sublinham-se, e sublimam-se, em fortes paralelismos e conexões. Não resisto a dizer que a dimensão humana do Francisco Laranjo está absolutamente presente no seu trabalho e que, com origem no Douro, soube fazer o projecto de uma viagem (e) de mundo em “(...) presença abstracta de enorme clareza, sempre *entre* o gesto e o simbólico”, como diz o seu filho Francisco, para quem o seu pensamento pictórico é o de uma “escrita sobre o tempo e o lugar”, isto é, de um trabalho onde a *cosa mentale* faz operar “o potencial da sombra e do silêncio”. Por isso, a cidade do Porto – foz do Douro do Francisco – seria o lugar por excelência de um contexto, e de um percurso de mundo. Percurso e pintura fazem resgatar a sua dimensão humana, enquanto viagem de um lugar que se vive com intensidade, e que *é simultaneamente encontro e percurso* das memórias crepusculares que transformam a sua emoção cósmica em gesto de um movimento em estado de destino.

o princípio

Tive o privilégio de conhecer o Francisco Laranjo nos anos 70, na então Escola Superior de Belas Artes do Porto. Como colega e amigo partilhei com ele inquietações, incertezas, emoções, e futuros – ambos pensávamos a escola de arte como um espaço de liberdade e de cidadania. E pensávamos principalmente a ideia de que a pintura iria sobreviver aos sobressaltos da história da arte recente, à mudança de paradigmas nas artes, e também às incompreensões e intolerâncias de muitos. Saberia, o Francisco, construir um caminho coerente de convicções, e de projectos. A água do seu Douro seria uma estrada que juntaria as suas raízes mais ancestrais, as de Trás-os-Montes e

as do Algarve. E nesse caminho de água nasceria a sua identidade onde a memória das coisas tinha o significado de uma espécie de *silêncio intemporal*, uma espécie de construção de gestos simbólicos de um dizer inteiro e absoluto. E, nesse caminho, o Francisco inventaria a cumplicidade do que nos é próximo, e a certeza do que nos é essencial. Caminho de viagens, convergências de culturas, geografias de diásporas situadas entre ocidente e oriente, entre norte e sul, caminhos de lugares ou lugares de caminhos, que o é tanto para a sua criação artística, como para o seu irrepreensível trato humano. E naturalmente que a sua afirmação acabaria por ser de uma consequência autobiográfica indiscutível. De um modo inteiro.



Figura 1 - Francisco Laranjo, *Sem Título*, 152x103 cm, tinta-da-china sobre papel, 2004. Coleção AQF.

Francisco Laranjo iniciou a sua carreira docente na ESBAP em 1979. E, em 1982, realizou as suas provas de agregação – a sua pintura de grande composição, subordinada ao tema *Encontro*, iria iniciar ou reiniciar a sua grande aventura plástica, que não apenas na pintura. Tinha uma ideia e uma visão da integração das artes, e oportunidades surgiram para a experimentação de discursos funcionais novos. Mas a palavra-tema *Encontro*, sorteado para a sua pintura de 1982, é premonitório do futuro que (se) preparava. E, por isso, o *encontro* simbolizado nas viagens e nos mundos, traduzir-se-ia em *percurso* feito *in situ*. Tornou-se, o Francisco, *cidadão do mundo*, dos lugares e das culturas. E, como director da nossa Faculdade de Belas Artes entre 2008 e 2014, para cuja eleição sempre incentivei e apoiei, promoveu-se a dignidade da função, e desenvolveu-se um sentido forte de diálogo com a cidade e com as instituições. Aliás, os seus mandatos coincidiram com um período que o próprio Francisco dizia “de resistência pela liberdade de criação artística e de pensamento”, e que se traduziu num grande esforço de abertura, de liberdade e de tolerância cívicas. Mas o seu exemplo empenhado ao nível da prática artística não deixava nunca de ser o de um construtor de memórias e de partilhas com todos, nomeadamente o seu exemplo também de prática pedagógica e docente. Foi um homem sereno, o Francisco, educado, e culto, e que revelou o compromisso do bem comum, o compromisso dos afectos e da gratidão, o compromisso de uma ideia de que a arte salva sempre o homem e o mundo. O Francisco Laranjo construiu um projecto cultural e um pensamento pictórico coesos, onde a pintura representava o seu grande desígnio (uma espécie de *navigatio vitae* permanente), ou a sua linguagem essencial de construção de uma memória e de uma síntese, como que em trânsito que percorre os lugares reaproximando-os, e uma espécie de *dizer sobre o silêncio*, de uma narrativa em trânsito, de uma música em estado de pensamento vital.

Soube, o Francisco, a par da sua carreira artística, plasmar a necessária investigação artística no ensino da pintura na nossa Escola, na *Escola do Porto* – que sempre considerou como um bem colectivo maior. E, de certa maneira, revelou-nos esta nossa memória que é a do Porto e a do país. E isso não deixa de ser de uma importância excepcional, pelo que, não quero deixar de subscrever, por inteiro, as palavras do nosso Reitor, Professor António de Sousa Pereira, quando nos diz, a seu respeito, que

“Mais do que pelos prémios conquistados, pelas homenagens recebidas ou pelas obras integradas em museus e coleções internacionais, a Universidade do Porto ficará eternamente grata pela dedicação e paixão [que emprestou] ao serviço do ensino das Belas Artes no Porto”. Por isso, o legado do Francisco Laranjo é o do Porto – o da Escola do Porto, é o da Universidade, e é o do Mundo. E esse legado é também o da nossa memória colectiva.

o pintor, o professor, e a cidadania

Em Francisco Laranjo coabitaram sempre as dimensões de pintor e de professor, como já referi anteriormente. E coabitaram num registo muito comprometido, não obstante, e no seu caso específico, a sua função docente decorrer da função artística. Digamos que, e de um modo muito linear, a situação que Laranjo concedia ao ensino artístico, na nossa Escola de Belas Artes, era a de um pintor que se tornaria professor. A pintura veio sempre primeiro, e em primeiro lugar parecia sempre permanecer – embora as circunstâncias académicas, muitas vezes o impedissem – isto é, as obrigações académicas muitas vezes faziam interromper a sua vida de pintor. Mas o Francisco conseguia o equilíbrio, sempre muito difícil, de compatibilizar as suas várias dimensões disciplinares, tanto profissionais como pessoais – isto é, não só a dimensão de artista com a do ensino artístico, mas também com o da intervenção cívica. Esse equilíbrio, que conseguia, era o resultado de uma deliberada atitude de forte inclusão social e cultural que lhe permitia, ainda, considerar que a inteligência e a sensibilidade são essenciais para uma narrativa que promova a liberdade que a arte transporta, e o poder que lhe é inerente. O Francisco envolvia-se muito no plano cívico, e até político, com convicções democráticas muito fortes, nomeadamente, tornando-se num exemplo de partilha amiga com os demais. Mas e a pintura? Se aparentemente a sua pintura parece ter tido um peso maior do que a sua função docente (só aparentemente, de facto), era porque o Francisco, apesar de tudo, conseguia preservar o tempo necessariamente mínimo para a sua arte, para o seu fazer artístico. Com efeito, o Francisco, à medida que o seu projecto – organicamente abstracto – evolui, como que passa a acontecer um trânsito artístico que fomenta pontes culturais. É muito curioso verificar que assim foi. Aliás, os seus grandes projectos artísticos na passagem do

século XX para o XXI são disso exemplo. E a internacionalização da sua pintura tem o significado, nomeadamente, da afirmação de uma osmose entre espaços, entre culturas, entre mundos, entre tempos. Entre ocidente e oriente. O Francisco acreditava nas pontes, acreditava nos homens. Mas esta sua ideia de aproximação dos povos e das suas culturas teria eco na sua narrativa artística, cuja pintura tornar-se-ia radicalmente mais simples, mais essencial, sem nunca deixar de ser matérica (visualmente matérica), pelo que o grau de abstracção ampliar-se-ia ainda mais.

a gestualidade mínima

Em direcção a uma *gestualidade mínima*, o Francisco nunca ocultou nem as suas origens nem o seu regresso à terra-mãe. Creio, por isso, que com o decorrer do seu projecto artístico acontece, de facto, um regresso às suas *origens durienses*. Um regresso que é óbvio e deliberado. Aliás, o trânsito entre a caligrafia e a mancha definida nos seus trânsitos e correspondências permitir-lhe-iam, ao Francisco, considerar o Douro como lugar universal onde tudo começava, e tudo acabaria. Este movimento estruturará pelo gesto a sua pintura: uma *pintura de água*, uma *pintura uterina*, ou uma pintura em estado de *nascimento matricial*. Pelo que a pintura do Francisco está fundada num propósito que *constrói uma legibilidade* facultada pela inteligência da relação cultural e histórica, com a sensorialidade que é intuitiva e gestual. A pintura do Francisco é uma pintura de gesto(s) e de movimento(s). O movimento que nasce e que une, em gestos de água. Ou, uma pintura que une, que junta, que liga o movimento – todos os movimentos circulares e não circulares. Movimentos que, por serem encontrados e desencontrados, são movimentos espontâneos e únicos, livres e irrepetíveis. Com efeito, a pintura do Francisco Laranjo é mais do que simples pintura. É, principalmente, acção que não se restringe apenas à pintura – que constrói através do gesto uma dinâmica plástica e pictórica que não é exclusiva, apenas, do que se entende especificamente por pintura.

O gesto em Laranjo é o gesto simultâneo de uma linha e de uma mancha. Mas, muitas vezes, é muito difícil compreendermos onde acaba a linha e começa a mancha pois, se o desenho e a pintura são disciplinas ou expressões distintas, a verdade é que no caso

da obra do Francisco essa fronteira não existe. Antes pelo contrário, muito frequentemente linha e mancha coincidem ou partilham de um mesmo espaço (e tempo). Aliás, compreende-se que o gesto no Francisco é muito cerebral, mas cuja emoção se preserva na primordialidade de um (re)nascido, ou o desenho como que se faz em deriva de mancha, e a mancha como que se sintetiza em estrutura de linha. O que, dito de um outro modo – existe pintura no desenho e existe desenho na pintura. Mas esta (aparente) intersecção é sempre muito meditada e mediada pelo gesto que ora se desenvolve de fora para dentro, ora de dentro para fora. Muitas vezes a mancha do desenho como que aspira a compensar o monocromatismo típico de um desenho enquanto o é. E a linha da pintura como que aspira a recuperar (estruturar) o espectro típico de uma pintura. O gesto tem o seu lugar de encontro privilegiado na intersecção entre desenho e pintura, é certo e factual, isto é, entre linha e mancha e, nesta medida, a pintura propriamente dita aspira a um exercício de radical restrição da paleta cromática, pelo que, é constatável observar que o trabalho de pintura mais recente do Francisco possui como circunstâncias essenciais, (1) não só a procura de uma vibração cromática de relação de complementaridade, como e ainda (2) a de fazer sublimar o espectro cromático com cores muito elaboradas, quiçá dentro de uma paleta de (ou tendencialmente de) *cinzas muito activos*, como que a lembrar o trabalho muito experimental de Fernando Lanhas (que levou até ao limite *a procura pelas cores sem tempo*), ou *cores podres* – na designação de Lanhas (já o havia sido notado na paleta de Dominguez Alvarez). Evidentemente que o Francisco Laranjo não seguiu a opção de Lanhas mas, em muitos momentos – justamente quando a presença das *águas durienses* na pintura do Francisco acontece – sentimos essa possibilidade de um caminho mínimo redutor e simultaneamente simples, onde o tempo parece interromper ou condicionar o espaço.

comunicar autobiograficamente o gesto

Para a consumação de uma ideia de viagem na obra de Francisco Laranjo é importante a compreensão da ligação estreita entre a qualidade do gesto, do Francisco *construtor de gestos pictóricos*, e a qualidade da comunicação, do Francisco *construtor de diálogos*. Nesta convergência resulta, então, que a dimensão autobiográfica é verdadeiramente

comprometedora de um projecto de acção artística, com uma nitidez impressionante. Mas a grande dimensão autobiográfica do Francisco Laranjo corresponde a uma evidência muito forte e de reiteração do sentido humanista. A dimensão humana é essencial para se compreender o resto. Nomeadamente o âmbito artístico. E, desta maneira, o Francisco Laranjo cultivou esse seu lado de grande comunicador, de fazedor de amizades, de promotor de convívios, de nos dar a conhecer a vida. Aliás, o seu lado de bom conversador implicava a presença de um tempo, lento, mais lento – aliás, como o próprio gesto da sua pintura – gesto de um tempo lento, demorado, e interpelador. Excelente comunicador, o Francisco, que fazia dessa sua determinação uma presença inspiradora, que convocava a presença amiga com todos, deixou-nos também aqui um legado de exemplo, de esperança, e de futuro. A sua vontade de fazer pontes, de realizar exercícios de aproximação, eram muito importantes, indiscutíveis, e decisivos.

Verdadeiramente, a pintura – que é disso que também aqui escrevo, reflecte o carácter muito forte do Francisco, carácter que nos dava sempre esperança a um modo artístico de viver a vida. Concomitantemente, o tempo da vida, como tempo nuclear, é o de um tempo que se diz em estado de transe, de espera e de acção, de paragem e de demora. Um tempo que é sempre aglutinador para a construção de uma memória para o futuro. Mas, em associação ao tempo autobiográfico que a pintura do Francisco transporta, encontra-se a noção de escala. Noção essa que percorre todo o imaginário artístico do Francisco Laranjo. O que quer dizer, que a noção de escala surge muitas vezes recolocado, ou exacerbado, por via do recurso a um trabalho de grandes dimensões. Isso acontece, principalmente, quando o Francisco toma consciência da importância do diálogo cultural, e até civilizacional, entre ocidente e oriente. Com o recurso a trabalhos de grandes dimensões surge, não só a dimensão outra do gesto em acção, mas também a dimensão nova de um diálogo com o corpo, por dentro. O *caminho de dentro* na pintura do Francisco é o caminho que passa pelo corpo, onde todos os formatos fazem expandir o gesto em si-mesmo. Não obstante, no trabalho de grande escala o Francisco faz preservar um sentido intimista muito generoso, e é por isso que o corpo acaba por invadir a natureza do próprio gesto em estado de *deambulação pura*, que não deixa de ser de uma serena viagem em conquista do novo. É como que uma

espécie de encenação pictórica, onde a narrativa surge desenvolva, mística, e em que o movimento do dizer, sempre corpóreo, comporta-se como um rasto de água, em movimento, que faz o rumo de um rio no seu percurso fértil de um território, sendo possível desse modo, desenhar e ou pintar – como se de uma dança se tratasse – o sangue que circula no interior dos gestos e dos corpos.

a viagem do Francisco Laranjo

Se no plano nacional, Francisco Laranjo comunga da herança de Júlio Resende – na sua fase inicial de artista é notória a relação entre discípulo e mestre – a presença de alguns dos paradigmas de Resende renascem, mais tarde e de um outro modo, na pintura de Laranjo, através de soluções diferentes, e atinentes a uma afirmação nova no que se refere a uma caracterização plena de uma invenção absoluta e continuada. Pelo que, pouco a pouco, o Francisco Laranjo conquista a sua própria autonomia autobiográfica. E esse exercício virá a resultar, não só do reconhecimento das suas origens transmontanas e durienses, como das suas influências artísticas internacionais – primeiro na Europa, com a *pintura informal* da década de 1950 (Georges Mathieu) – e mais tarde, na Ásia, onde a *caligrafia do gesto taoista* viria a suscitar intersecções muito interessantes na afirmação entre as duas grandes balizas culturais e artísticas, a do ocidente e a do oriente. Francisco Laranjo encontra no desenho o seu grande lugar de afirmação, inicial e continuado, uma espécie de *traço espontâneo do pincel, como gesto vital* – uma espécie de iniciação outra que, em estado de pintura, se faria comunicar. Fazendo uma gestão muito exuberante entre escalas diferenciadas, a pintura enquanto exercício impõe-se como *escrita para a construção da imagem* – aliás, na recepção da pintura asiática parece ocorrer a libertação da linha caligráfica e a expansão fluida da tinta, o que faz com que a pintura de claridade e de superfície, seja a experiência artística maior e radical de Francisco Laranjo. É a experiência na *busca de um espaço meditativo*, o que faz fundamentar a criação de um espaço pictórico verdadeiramente multidimensional. O gesto sensível em Francisco Laranjo permite que a sua narrativa artística seja operada por via de um permanente *impulso psicográfico* (mas que não deixa de ser também metafísico e mesmo místico), o que faz com que a suposta *verbalidade da imagem*, para além de conceptual e imediata, possa

ser reveladora de um olhar verdadeiramente experimental, onde seja possível coabitar as grandes fronteiras entre razão e emoção. E é precisamente no contexto destas fronteiras, que o Francisco Laranjo muito subtilmente as faz dissipar, também, e onde acontece então a evidente primazia do desenho como instrumento *silencioso e perene* que é, no entanto, capaz de uma afirmação maior, transbordante de suportes e narrativas – sendo o desenho uma espécie de *silêncio do gesto*, onde as óbvias relações mentais e emocionais são suscitadoras de um exercício de fusão de escritas para a representação da poiesis e da ética.



Figura 2 - Francisco Laranjo, *Sineva I*, óleo sobre tela, 200 x 365 cm, 2004.

Entre o desenho e a pintura a aguarela em Francisco Laranjo parece resolver uma gestão do tempo do gesto na pintura. E esse tempo, que contempla uma certa *luz em suspensão*, parece fazer parar o *espaço do gesto*, ou é sempre o tempo de uma certeza da pintura, em que a memória do tempo e dos lugares conduzem o Francisco a uma ideia de memória que se constrói por via de uma *poiésis*. Sendo a memória precária, frágil e transitória, a sua *poiésis* implícita a compreensão da correspondência entre o visível e o invisível. Isto é, em Francisco Laranjo a pintura é uma disciplina central do conhecimento e da sabedoria. E, nesta conformidade, a sua *poiésis* é construtora de um paradigma, e de uma praxis, que diz o conhecimento.

Francisco Laranjo foi sempre um Amigo e, *erudito, sensível e discreto*, contribuiu decisivamente para a “construção de pontes com a comunidade académica e artística do Porto, ajudando [nomeadamente Serralves] a cumprir uma das suas ambições fundamentais: conciliar uma vocação internacional com a permanente atenção ao contexto local”. Um exemplo, então, de cidadania e de empenhamento na vida cultural da cidade do Porto.



Figura 3 - Francisco Laranjo, *Noites Brancas II*, óleo sobre papel, 32 x 24 cm, 2007.



Figura 4 - Francisco Laranjo, *Casa e Terra*, óleo sobre tela, 100 x 80 cm, 2008.

o caminho de dentro

A propósito do conceito de *caminho de dentro*, já Maria de Fátima Lambert publicara na Revista Visuais (nº2, v.8, de 2022), um texto muito sentido de homenagem a Francisco Laranjo, com o título *Do mais recente ao mais antigo – In Memoriam Francisco Laranjo*. Neste texto, Maria de Fátima Lambert enfatiza a poética do Francisco, referindo que a mesma “cumpr[e] uma exigência de rigor e depuração da própria linguagem pictural organizando as duas componentes direccionais da sua fundamentação estética: o caminho de dentro e os caminhos do exterior, através de uma resolução aguda e profundamente adequada ao seu desígnio estético e às

condições de praxis artística. [E] regulariza a convergência opcional da sua via enquanto responde ao encaminhamento volcado para a sabedoria”.

As memórias do mundo juntamente com as *memórias estéticas* são responsáveis pelas memórias que permitem à arte, sempre, a construção de um arquétipo de caminho e de mundo. E, nessa construção, participa, decididamente, a procura de uma memória para a determinação de uma vontade de futuro. Memórias estas que adquirem sentido nas viagens, por isso, são condutoras de um *caminho gestual* que faz dizer a autobiografia da pintura. Em caminho que, em Francisco Laranjo, é um caminho sempre cósmico e de água, reitero-o.

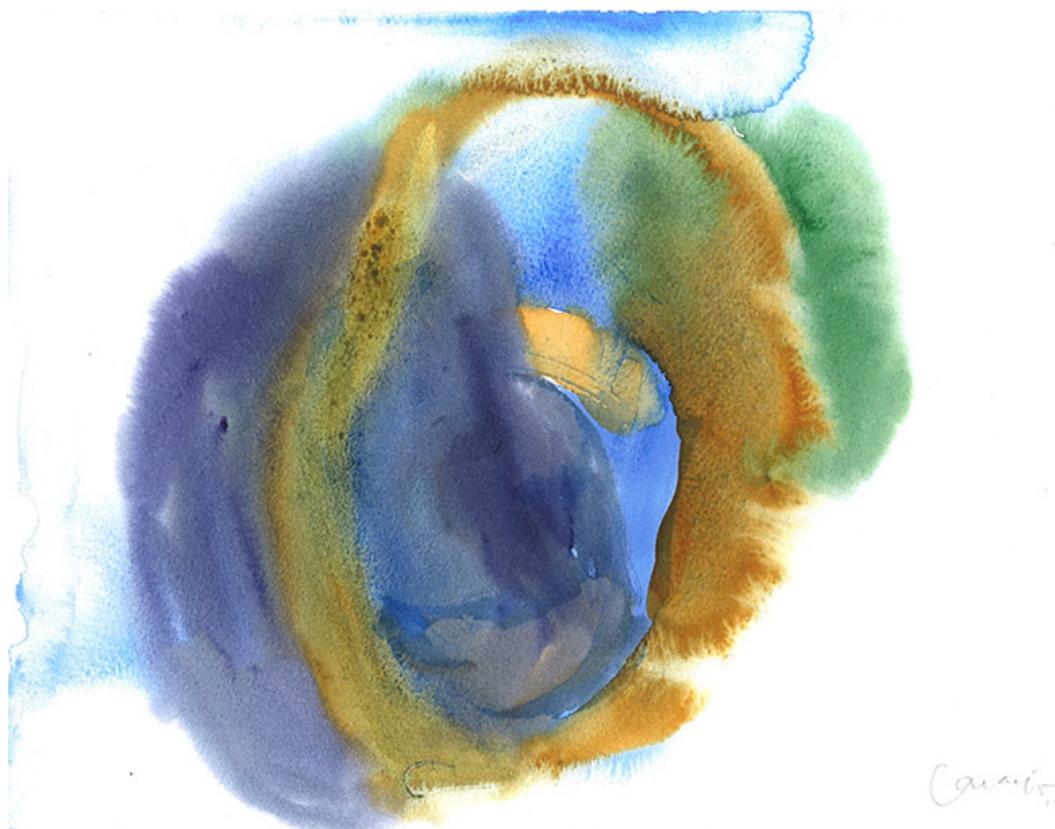


Figura 5 - Francisco Laranjo, *Sem Título 8*, aguarela sobre papel, 24 x 32 cm, 2011.



Figura 6 - Francisco Laranjo, *Following Successive*, tinta da china s/papel, 150 x 348 cm, 1996.

Existe, então, e na pintura conduzida pelo gesto que antecipa a construção de um pensamento pictórico emergente, a incursão deliberada por uma certa concepção de *paisagem estética*, ou paisagem de uma *espécie de submundo fundado principalmente no prospectivo* – ou a pintura de Francisco Laranjo é uma pintura universal em que existe, na convergência entre a razão e a emoção, a possibilidade de uma interpelação essencial, sobre o destino do homem. Assim, e no contexto do primado de uma concepção de *paisagem primordial* – aliás toda a paisagem primordial em Francisco Laranjo é a paisagem que se reinventa, que diz um espaço, um tempo, e uma memória. Essa paisagem (ou quase paisagem) é a da pintura que se entende como exercício de uma *cartografia pensada* e que, e no limite, permite ao Francisco a radicalidade de pensar o encontro entre o ocidente e o oriente. De facto, toda a pintura é a do *encontro entre ocidente e oriente*. A pintura do Francisco Laranjo é, com efeito, uma pintura onde *o gesto diz a síntese entre o Douro e o Mundo*. Em estado de diálogo, é certo, sempre em estado de diálogo e de encontro, onde o desenho, a pintura e a aguarela são ilhas de um imenso mar espelhado pelo Douro – são ilhas de um pensamento verdadeiramente identitário e singular. Na obra de Francisco Laranjo muitas vezes confundia-se a sua vida com a sua obra, pois, no caminho solar do Francisco Laranjo fazia-se eco da luz em movimento que inscreve e que percorre os caminhos cósmicos de um pensamento congregador, de paz, e de convicção do *poder da arte* (aliás, o seu projecto *Luz em Suspensão*, de 2015, no Nagasaki Museum of History and Culture, no Japão, seria uma espécie de síntese e de testamento do que representava o seu pensamento).